

A colonização científica da ignorância



Baudouin Jurdant

*Professor da Universidade de Paris 7 - Denis Diderot
Responsável pelo Departamento de Comunicação Científica
E-mail: baudouin.jurdant@paris7.jussieu.fr*

Resumo: No presente artigo, discutimos a possibilidade de considerar a popularização da ciência um modo privilegiado de propagação da ideologia “cientificista”. Entende-se aqui por popularização da ciência a ação que, desde o início da ciência moderna na Europa, procura difundir para o grande público a visão que os cientistas têm do mundo e de seus problemas. O cientificismo não é uma simples ideologia entre outras mas o que, desde o início do século XIX, serviu de enquadramento do que originou as formas características de todas as ideologias que se desenvolveram durante os séculos XIX e XX. Trata-se daquilo que define o próprio conceito de ideologia.

Palavras-chave: epistemologia da ciência, jornalismo científico, ideologia.

Colonización científica de la ignorancia

Resumen: En el presente artículo, discutimos la posibilidad de considerar la popularización de la ciencia un modo privilegiado de propagación de la ideología “cientificista”. Se entiende aquí por popularización de la ciencia la acción que, desde el inicio de la ciencia moderna en Europa, busca difundir para el gran público la visión que los científicos tienen del mundo y de sus problemas. El cientificismo no es una simple ideología entre otras, sino el que, desde el inicio del siglo XIX, sirvió de encuadramiento de lo que originó las formas características de todas las ideologías que se desarrollaron durante los siglos XIX y XX. Se trata de aquello que define el propio concepto de ideología.

Palabras clave: epistemología de la ciencia, periodismo científico, ideología.

The scientific colonization of ignorance

Abstract: The present article discusses the popularization of the science as privileged way of spreading the scientificist ideology. We understand by “science popularization” the action that, since the beginning of modern science in Europe, try to spread to the ordinary public, the scientist’s point of view about the world and its problems. The scientificism is not a simple ideology among others but the one that frames the development of all ideologies during 19th and 20th centuries. Scientificism is what defines the very own concept of ideology.

Key words: sciences’ epistemology, science journalism, ideology.

O termo ideologia apareceu inicialmente no livro publicado por Antoine Louis Claude Destutt de Tracy, em 1801, *Os elementos da ideologia (Elements d’ideologie)*, em que o autor manifesta a intenção de expor, à curiosidade científica, o objeto por meio do qual o estudo científico deve apresentar uma visão científica do mundo sob a ótica objetiva. Deve abranger todas as possibilidades de objetos suscetíveis de serem estudados cientificamente. A ideologia é a última ciência possível, a ciência da idéia. Pode-se também considerar, com Roland Barthes “a ciência da idéia entendendo-se que esta domina” (1973:53-54).

Na introdução daquele livro, De Tracy defende a legitimidade de seus estudos, demonstrando que a idéia possui uma existência objetiva, isto é, independente do *status* que ela possa ter na consciência subjetiva, individual.

A idéia pode ser comunicada de uma consciência a outra, pode ser transmitida entre gerações, ou seja, mesmo imaterial, seu *status* é similar ao de um objeto real e concreto, o que a torna análoga aos objetos reais e concretos que nos circundam, portanto passível de ser submetida à pesquisa científica.

Mesmo que De Tracy não seja amplamente reconhecido como o criador do cientificismo, é necessário lembrar que o ideólogo

seguiu os passos de autores como Condorcet ou Condilac e se entusiasmou com os avanços extraordinários da ciência em sua época. O cientificismo, definido como um sistema de pensamentos e valores, revela-se nas obras de Ernest Renan, Marcellin Berthelot, Félix Le Dantec, Camille Flammarion, Edmond About etc. Como afirmou Berthelot, em discurso pronunciado na Câmara do Sindicato de Produtos Químicos, no dia 5 de abril de 1884, citado por Denis Collin:

Chegará o dia em que cada um carregará, para se alimentar, sua pequena barra de nitrogênio, sua porção de lipídeo, de fécula ou açúcar, seu frasco de especiarias aromáticas, conforme sua preferência; tudo fabricado economicamente e em quantidade inesgotável pelas nossas indústrias; sem estar à mercê das irregularidades das estações climáticas, da chuva, da seca, do calor que resseca as plantas, ou da geada que destrói a esperança de colheita. Estarão exterminados os micróbios patogênicos, origem das epidemias e inimigos da vida humana. Nesse dia, a química terá efetuado uma revolução radical no mundo, cujo impacto ninguém pode calcular; não haverá mais campos cultivados, nem vinhedos, nem pastos repletos de animais. O homem ganhará em moralidade, porque ele não mais viverá da carnificina e da destruição das criaturas vivas (apud Collin, 2007).

As elaborações de De Tracy receberam críticas excessivamente severas de Marx, que as repudiou, porque, em sua opinião revelavam que De Tracy não teria entendido nada. Parece-nos, no entanto, que foi Marx quem não entendeu a problemática subjacente à obra de De Tracy, precisamente a do cientificismo, ideologia da qual Marx compartilhava, sem perceber.

É possível antecipar uma objeção: não seria o cientificismo, tal como o entenderam os autores da segunda metade do século XIX, como Ernest Renan e Félix Le Dantec, uma ideologia ultrapassada que ninguém hoje em dia ousaria reivindicar para si mesmo? No entanto, mesmo se rejeitarmos a denominação, porque ela evoca valores a que não aderimos obrigatoriamente, parece-me inegável que a

ciência ocupa o primeiro lugar em nossos atos cotidianos, nas referências que, a nosso ver, podem legitimar toda pretensão a um discurso verdadeiro, nos julgamentos que fazemos de nós mesmos e dos outros, em todas as circunstâncias que dão ritmo a nosso dia-a-dia. Por isso somos “cientificistas” sem o saber.

Assim, o cientificismo é considerado aqui como ideologia à qual ninguém pode realmente escapar, tanto hoje do que ontem. De modo que convém pensar, mais precisamente, o papel da popularização da ciência na propagação da ideologia cientificista. Efetivamente, é por meio dessa popularização que, nos séculos XVII e XVIII, temos textos sobre ciências endereçados diretamente aos leigos, a todos aqueles que, mesmo não sendo cientistas, podem supostamente tirar proveito das novas representações das coisas que a ciência é capaz de oferecer.

A princípio, a popularização científica existe para diminuir a distância entre os que sabem e os outros, para passar fragmentos desse saber ao povo, usando a linguagem do povo (ou, mais propriamente, as “linguagens” do povo). Como um prisma, ela decomporia o feixe de luz branca de ciência pura em seus múltiplos componentes coloridos, cada um correspondente a uma camada social, que se caracteriza por certo nível de instrução e por certo estilo de linguagem.

São, porém, inúmeras pesquisas que demonstraram o quanto é ilusório supor a possibilidade de popularizar a transmissão do saber e que, quando certos saberes são realmente transmitidos, padecem distorções inevitáveis que os tornam irreconhecíveis aos olhos dos cientistas. Todo mundo já ouviu falar dos “buracos negros” e do “Big Bang”, mas perde-se a maior parte do que poderia haver de científico por trás dessas noções, que já se tornaram familiares.

Não é o possível efeito didático, fortemente aleatório, desse processo que deve chamar nossa atenção, mas sim o fato de a literatura de popularização da ciência não suprimir, nem minimizada, a ignorância do leigo.

Examinemos essa ignorância do chamado grande público. Procuremos um denominador

comum, que a nosso ver, pode ser encontrado nas grandes perguntas – sem respostas – que sempre nos perturbaram: qual é a origem da vida? De onde surgiu o mundo? De onde nós viemos? (questões cosmológicas). O que é a morte? Quando será o fim do mundo? Quais são as catástrofes que ameaçam a humanidade? (questões escatológicas). O que é o homem? Quem sou eu? Eu sou normal? (questões antropológicas). É assim que se estrutura a base da ignorância que, ao mesmo tempo, como se pode perceber, é também a base do comércio teológico das religiões. Aliás, a teologia se divide em três subgrupos que são justamente a cosmologia, a antropologia e a escatologia.

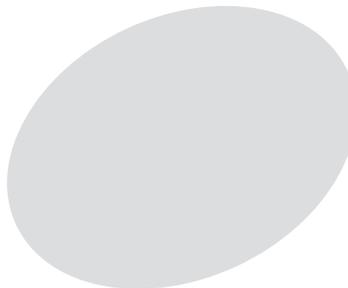
Assim, temos que o tecido da ignorância do leigo coincide com a trama do desejo de saber, a “*libido sciendi*”, explorada pela popularização da ciência. Não é difícil encontrar exemplos. Se, na França ou Canadá, alguém quiser encher uma sala de conferência com um público ávido de conhecimento, basta programar uma palestra com o astrofísico Hubert Reeves, ou com qualquer outro astrônomo. Quem pode resistir à fascinação que exercem as estrelas sobre nós?

Outra possibilidade para seduzir o público leigo com alguns fragmentos da ciência seria tratar de temas como as catástrofes nucleares, climáticas, demográficas, ou outras. Mesmo que a deontologia dos jornalistas científicos os incite a desconfiarem do sensacionalismo, é difícil resistir à tentação de despertar a curiosidade dos leigos, anunciando-lhes grandes descobertas ou grandes catástrofes. Trata-se de uma estratégia de sedução que, como todos sabemos, não traz benefícios didáticos reais.

Por fim, tudo que trate de nossa saúde física ou mental também tem potencial para atrair o público leigo, como o demonstra o sucesso dos livros de Boris Cyrulnik ou de David Servan-Schreiber.

Examinemos agora, sucintamente, a retórica que determina o funcionamento estilístico de tal literatura de popularização da ciência. Essa literatura apresenta, com muita frequência, números e termos específicos da ciência, sem que tais termos ou núme-

ros possam ser, de fato, compreendidos. Por exemplo, o limite de validade dos números nunca é conferido, o que torna absurda a sua presença nesse tipo de literatura.



A popularização científica encarrega-se de dirigir nossa ignorância. Ela a coloniza. Aqui estamos no centro do cientificismo

Isso se repete com relação às palavras. Elas deveriam designar coisas dentro da realidade, mas, como o sentido delas depende do contexto científico que tenha motivado seu aparecimento na língua, elas não significam mais nada fora dele. Bachelard descreveu muito bem a maneira pela qual a precisão, fora do contexto, nos leva ao inexistente. As palavras eruditas estão presentes na literatura de popularização da ciência para atestar o fato de que são palavras do saber. São palavras que falam por si mesmas.

Ao articular as respostas científicas, geralmente inacessíveis, às grandes perguntas nas quais se baseia nosso “desejo natural de saber”, na expressão de Aristóteles, a popularização científica encarrega-se de dirigir nossa ignorância. Na verdade, ela a coloniza. Torna-se difícil, ou mesmo impossível, para cada um, ignorar em seus próprios termos, à sua própria maneira. Nosso “desconhecimento” encontra-se identificado e articulado por palavras que nunca serão nossas, pois são objeto de um monopólio de especialistas sobre o discurso da ciência. Essas palavras, com as quais se certifica a origem científica do saber que elas indicam, inserem-nos numa relação de dependência, tanto cultural quanto política, em relação aos especialistas. Aqui estamos nós no centro do cientificismo.

Se, na verdade, nossa ignorância não nos

pertence mais, se ela não pode mais ser a origem de um questionamento singular sobre o mundo que nos envolve, sobre os outros e sobre nós mesmos, então, é a possibilidade de emergência do sujeito que se esvai. Pois o sujeito, ou o que se anuncia como tal, só tem consistência por meio das modalidades singulares do seu questionamento metafísico.

Não seria a colonização da ignorância científica a causa da doença do saber que Freud identificou dentro da neurose e que se perpetua sob o ornamento da “cientificidade”? Ao nos desapropriar de nossa ignorância, a ciência popularizada cala-nos e impede-nos o acesso àquele “dizer” da verdade, que Lacan inseriu na fórmula “eu, a verdade, falo” (1966:409).

A epistemologia é a ciência dos saberes da ciência. A psicanálise, considerada como ciência do conhecimento – inevitavelmente avaliada por meio de uma verdade cujo “copyright” a ciência tende a monopolizar –, pode ser algo além de uma epistemologia popular ou uma epistemologia leiga. É a disciplina que permite a qualquer um “ignorar de sua própria maneira”, para retomar a fórmula que permitiu a Claude Bernard, em seu “Discours de réception à l’Académie Française” (27 de maio de 1869), identificar uma das exigências mais radicais do método experimental. Permite que se faça dessa ignorância o estímulo de uma criatividade sócio-cultural associada ao uso da palavra. Ela permite restituir à palavra o direito ao “dizer” verdadeiro a partir do nosso desconhecimento.

O que é notável, na descoberta freudiana, é precisamente a maneira pela qual o inconsciente exige de cada um que possa responder, não pela própria “vontade de fazer ciência”, como diria Isabelle Stengers (2006) para estigmatizar a derrota da psicanálise, mas sim do desejo de cientificidade ao qual ninguém pode escapar dentro do quadro do cientificismo banal que caracteriza as

sociedades de hoje em dia. É respondendo individualmente a esse desejo, embora se comprometa a coletividade, que o sujeito poderá talvez manter uma fala de verdade de dentro mesmo de uma ideologia, o cientificismo, que aparentemente a torna difícil ou mesmo impossível.

Na discussão que inicia sobre a relação entre a ciência e a psicanálise, Jean Ladrière nos lembra que “...toda a iniciativa cultural (e toda iniciativa científica, particularmente) é incentivada por uma intenção constituinte, que não é explícita, ou talvez só o seja parcialmente, mas que se pode tornar aparente por tematização” (1988:11). Em texto anterior (Jurdant, 1999/2000), demonstro que, nas ciências humanas, contrariamente às ciências da natureza, essa tematização é obrigatoriamente explícita pela maneira como se verifica um desejo de “cientificidade” já direcionado para objetos definidos previamente.

No entanto a psicanálise, que para Freud, só podia pertencer às ciências da natureza (“*What else could it be?*”), é animada também por uma “intencionalidade constituinte”. Freud afirmou: “Espero que o amor pela ciência permaneça em mim até o final da minha vida”. Tal intencionalidade, contudo, só é capaz de revelar-se por meio de uma tematização que, como acaba de ser dito, deve ser acompanhada por uma verdadeira descolonização da ignorância do sujeito. Essa tematização descolonizadora apóia-se em duas vertentes do pensamento freudiano: a diferença dos sexos e a morte, Eros e Thanatos.

Não deve surpreender, assim, que seja justamente este nosso ponto de partida para investigar o desejo de “cientificidade” que o cientificismo nos impõe, visto que é aí que a ciência encontra um limite absoluto, em ressonância profunda com a maneira pela qual a falta de conhecimento pode criar uma retórica da verdade.

Referências

- ARISTOTE. *La Métaphysique*, A, 1, 980 a 21.
- BARTHES, Roland. *Le plaisir du texte*. Paris: Seuil, 1973.
- COLLIN, Denis. "Du scientisme au relativisme". Disponível em <http://perso.orange.fr/denis.collin/scientisme.htm>. Acessado em 4/4/2007.
- DE TRACY, Destutt. *Eléments d'idéologie*. Première Partie. Paris: Vrin, 1970.
- JURDANT, Baudouin. "Le désir de scientificité". *Alliage*, 41-42, Hiver 1999, Printemps 2000, pp. 147-155.
- LACAN, Jacques. *Ecrits*. Paris: Seuil, 1966.
- LADRIÈRE, Jean. "Les sciences humaines et le problème de la scientificité". In: DE NEUTER, P. et FLORENCE, J. (orgs). *Sciences et psychanalyse*. Bruxelles: De Boeck Université, 1988, pp. 9-26.
- STENGERS, Isabelle. *La volonté de faire scient: a propos de la psychanalyse*. Paris: Les Empêcheurs de penser en rond. Seuil, 2006.